

Galinhas Verdes ou Galos de Briga? Neointegralistas, memória militante e o uso da charge como estratégia política

Odilon Caldeira Neto

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e mestrado em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente, é doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É pesquisador associado ao Grupo de Pesquisa "Integralismo e outros movimentos nacionalistas" (UFF/CNPq) e ao GT "Estudos Políticos e Militares Contemporâneos" (UEL/ANPUH).

RESUMO

Após a morte de Plínio Salgado, principal liderança do integralismo desde os anos 1930, os atuais militantes (neointegralistas) buscam rearticular o movimento político de inspiração fascista, levando em conta não somente a tradição histórica do movimento, mas também os limites impostos – inclusive endógenos – pelo contexto histórico aos chamados camisas-verdes. Desta maneira, estes militantes almejam retomar o movimento de uma maneira crítica, ao mesmo tempo em que *celebram* o passado considerado pujante. Objetiva-se, neste trabalho, analisar o papel da mascote de um grupo neointegralista específico – Galo Tupã, símbolo do MIL-B – neste embate entre história e memória, sobretudo no aspecto militante da causa.

Palavras-chave: Neointegralismo; Memória; História.

ABSTRACT

After the death of Plinio Salgado, leader of integralism movement since early 1930, today's activists (neointegralists) search to rearticulate the political movement of fascist inspiration, taking into account not only the historical tradition of the movement, but also the limits – including endogenous – the historical context of the "green Shirts". Thus, these aims militants resume movement in a critical manner, while in the past which conclude vigorous considered. Objective, in this work was to analyze the function of the mascot of a specific neointegralist group – "Galo Tupã", a symbol of the MIL-B – in this dispute between history and memory, especially in the aspect of the militant cause.

Keywords: Neointegralism, Memory, History.

Galinhas Verdes ou Galos de Briga? Neointegralistas, memória militante e o uso da charge como estratégia política

No âmbito da história política brasileira, o integralismo teve um período de maior destaque e relevância institucional, justamente durante a existência legal e trajetória da Ação Integralista Brasileira (AIB), isto é, entre os anos de 1932 e 1937. Fundada oficialmente em 07 de outubro de 1932, a AIB teve como órgão precedente a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), movimento cívico e cultural organizado por algumas lideranças – muitas das quais emergentes – da direita brasileira do período, tanto alguns representantes de círculos do conservadorismo católico, ou mesmo entusiastas do fascismo, uma então nova “onda” que despertava anseios políticos e iniciativas diversas ao redor do mundo.

A SEP tinha por objetivo congregar diversos intelectuais em uma causa comum: a discussão, sob a ótica do grupo, do que julgavam os mais urgentes problemas nacionais e, sobretudo, as possíveis resoluções que a SEP poderia propor à sociedade brasileira. Ainda em 1932, durante a terceira reunião do grupo, foi proposta a criação de um movimento de âmbito político institucionalizado, iniciativa esta preconizada pelo próprio fundador e líder da SEP, que mais adiante seria também chefe nacional da AIB e dos demais grupos e organizações integralistas: Plínio Salgado.

Salgado havia sido, até dado momento, indivíduo de baixa relevância no cenário político nacional (ex-deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista – 1928) e um emergente jornalista e romancista do período.

Havia, ainda, participado do movimento modernista (Semana de Arte Moderna), sobretudo por meio da obra intitulada “O Estrangeiro”. Quando da formalização do surgimento da Ação Integralista Brasileira, o movimento contava com um baixo número de militantes, tanto que a primeira aparição pública dos camisas-verdes (referente ao uniforme que utilizavam) contou com aproximadamente quarenta militantes, no ano de 1933.

Neste primeiro momento, a AIB conseguiu aglutinar, ainda que sob um contingente numericamente limitado, importantes nomes da direita fascista e profascista em atuação no Brasil, inclusive de grupos mais antigos, como a Legião Cearense do Trabalho e a Ação Imperial Patrionovista, além de membros de outros movimentos diversos, como o Centro Dom Vital. Ainda durante o ano de 1933, a AIB contou com a adesão de – entre tantos outros – dois importantes nomes que, juntos ao *chefe nacional* Plínio Salgado, formariam a tríade chefia dos camisas-verdes: Gustavo Barroso (comandante-geral das milícias integralistas, setor de fundamentação paramilitar do grupo) e Miguel Reale (chefe de doutrina da AIB).

Após as chamadas “bandeiras integralistas”, viagens efetuadas pelos maiores líderes da AIB, aos rincões do país afim de divulgação do ideal movimento, a AIB notabilizou um crescimento considerável, sendo que até o período final de atuação legal do movimento em 1937, números

oficiais propagandeavam cerca de um milhão de camisas e blusas-verdes, ao passo que estimativas historiográficas sinalizam com a metade deste número, valor ainda assim significativo para o padrão da época.

Independentemente da disparidade existente entre o montante oficial de membros da AIB e os possíveis levantamentos e estimativas atuais (ou futuras) da historiografia e áreas afins, o fato é que a AIB tornou-se um movimento e partido político de amplitude e relevância nacional, algo até então raro, sobretudo para os chamados movimentos de direita. Diante desta perspectiva, inclusive, torna-se evidente a pertinência da proposição de Cavalari (1999), para quem a AIB foi, no âmbito da direita, o primeiro partido político de massa no Brasil.

Esta conquista do integralismo no decorrer de sua atuação nos anos 1930 (AIB), foi determinada não somente por conta das condições propícias do contexto histórico do período, isto é, o fim da chamada República Velha e o surgimento de novos atores políticos e, sobretudo, a possibilidade da inserção de agremiações políticas distantes do então modelo *tradicional*. Além desta abertura de um campo propício para a atuação de novas instituições, a Ação Integralista Brasileira construiu um complexo e elaborado sistema de representações e máquina simbólica, que auxiliavam a atuação mais tradicional do movimento frente aos militantes e inclusive na conquista de novas adesões.

Além de um grande arcabouço de obras doutrinárias, que eram (re)elaboradas e disseminadas por meio de um grande conglomerado de jornais e periódicos do movimento – a cargo da *Sigma Jornaes Reunidos*, a AIB contava com elementos estéticos de grande importância, como estandartes, uniformes e o símbolo Sigma (Σ), que resumia, representava e caracterizava

a *essência* do integralismo, além de rituais e festividades que incorporavam e aglutinavam a militância e as mais altas patentes da hierarquia integralista em uma condição comum, um corpus totalitário e totalizante.

É possível, portanto, compreender como peças gráficas das mais variadas configurações e instâncias foram importantes para a criação, formação, manutenção e disseminação deste movimento político de massa dos anos 1930. Esta condição – grandiosa à época – não significou, no entanto, a conquista plena do poder pelos integralistas, ao menos não conforme suas pretensões. Com o golpe do Estado Novo, que contou inclusive com a participação e anuência da alta hierarquia integralista, o movimento/partido foi posto na ilegalidade, da qual só retornou efetivamente após 1945, quando da formalização da criação do Partido de Representação Popular (PRP), principal órgão integralista do pós-guerra, também liderado por Salgado.

Uma condição esteve inserida no integralismo em diversos momentos, fosse ao início da década de 1930, até o período do pós-guerra e ainda no tempo presente: a incisiva crítica e práticas anticomunistas. Do mesmo modo que o integralismo usou (e, certo modo, abusou) da construção de um imaginário e de um mito de um grande complô e perigo comunista por sobre o Brasil, os movimentos, partidos e intelectuais contrários ao integralismo também elaboraram diversas estratégias críticas aos camisas-verdes, muitas das quais depreciativas e que buscavam desconstruir as condições conquistadas pelo movimento durante sua atuação, sobretudo na fase da AIB.

Provavelmente, um dos maiores exemplos desta disputa entre integralistas e anti-integralistas, que envolvia tanto disputas

políticas institucionais, quanto níveis subalternos e do próprio imaginário social da época, foi o caso da criação da alcunha “galinhas verdes”, aplicada aos integralistas. Esta alcunha, que procurava ridicularizar o discurso de força e bravura dos militantes integralistas foi – e é – empregada de um modo geral e irrestrito aos militantes de diversas épocas, embora tenha sido construída a partir de um evento específico, conhecido como a “Batalha da Praça da Sé”.

Em meados de 1934, a atuação e disputa entre organizações políticas fascistas e antifascistas (assim como novos atores do cenário político nacional, como forças liberais, ou mesmo agentes governamentais), geraram diversos conflitos de rua entre militantes destas agremiações, sobretudo os defensores do fascismo (no caso, evidentemente, os integralistas) e seus adversários, como a Frente Única Antifascista e, principalmente, a Aliança Nacional Libertadora. Durante visita de Plínio Salgado à cidade de Bauru (interior de São Paulo) em 03 de outubro de 1934, uma confusão que supostamente envolveu militantes comunistas e camisas-verdes, resultou no assassinato de Nicola Rosica, militante integralista local, que fora alvejado por um tiro.

Deste episódio, houve o surgimento dos chamados mártires integralistas (diversos militantes integralistas que morreram em “batalha” pela defesa dos ideais dos camisas-verdes), além do acirramento das disputas entre militantes integralistas e antifascistas de variadas matizes. Quando da morte de Rosica, já estava agendada previamente a realização de uma manifestação integralista na Praça da Sé, região central da capital paulista, em ocasião da comemoração de dois anos da AIB – 07 de outubro de 1934. Tal evento formalizaria mais uma manifestação pública, que serviria tanto para afirmar as

principais reivindicações dos integralistas, quanto demonstrar sua força e contingente.

Como o prelúdio já havia sinalizado, o episódio tornou-se palco de uma intensa batalha entre membros da AIB e militantes antifascistas. De acordo com Castro (2002), membros de diversas organizações (e não somente a ANL, conforme versão propagada durante anos) encurralaram membros da AIB, que não tiveram outra escapatória, senão a fuga. Deste episódio, além de quatro integralistas mortos e dezenas de feridos, nasceu a alcunha “galinha verde”, pois os antifascistas julgavam que a fuga dos integralistas seria exemplo síntese da suposta frouxidão moral dos camisas-verdes, tidos então como medrosos tal qual galinhas em fuga.

A representação jocosa de galinhas verdes para com os militantes integralistas tornou-se, então, uma arma na luta antifascista. Esta prática persistiu inclusive após o fim do AIB. De acordo com Alves (1981), durante reunião entre Plínio Salgado e integralistas membros do PRP, manifestantes soltaram galinhas pintadas de verde em frente ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, para constranger e inviabilizar o encontro.

Isto demonstra, portanto, que havia ainda a necessidade do integralismo em desvencilhar desta suposta covardia que passou a figurar no imaginário da época, marcando não somente o evento específico, mas também toda a atuação dos integralistas, em diversos momentos históricos. O PRP, segunda organização integralista mais importante após a AIB, buscou articular esta e outras questões caras à trajetória do integralismo, sobretudo no contexto do pós-guerra e da resignificação atribuída aos movimentos fascistas.

Conforme apresenta Christofoletti (2011), este foi um aspecto estratégico

para o PRP, justamente para não ocorrer o esvaziamento da militância integralista do partido. Esta dinâmica se deu, portanto, principalmente a partir da segunda metade da década de 1950, quando o partido passou a retomar algumas simbologias da AIB – tal qual o Sigma, e buscou, ainda, rearticular outros pressupostos integralistas dos anos 1930, como festividades, entre outros elementos emocionalmente *caros* a uma parcela significativa do PRP, que estavam em crescente descontentamento até dado momento.

Neste aspecto, a questão das galinhas verdes também mereceu atenção. Em 1952, Plínio Salgado inaugurou a Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCJ), espaços destinados à formação contínua da juventude nos moldes integralistas da década de 1930. Desta maneira, os membros dos CCJ eram considerados autênticos integralistas, ao passo que no PRP estavam presentes tanto políticos de carreira, quanto remanescentes e entusiastas integralistas¹. Para *apagar* a questão das galinhas verdes, os membros dos CCJ eram chamados de águias brancas, em contraposição à alcunha depreciativa de outrora.

Os caminhos do integralismo e, conseqüentemente, as estratégias evidentes de construção da memória do movimento em seus diversos momentos, estiveram ligadas desde o início às deliberações do *chefe nacional* Plínio Salgado, de modo que a herança do integralismo em sua fase principal sempre esteve agregada junto à imagem e estratégias políticas de Salgado, fosse ao momento de fundação do PRP (1945), até a participação de alguns militantes integralistas

e de Plínio Salgado na ditadura civil-militar pós 1964 (TRINDADE, 1994).

Desta maneira, é plausível supor que a forma que o integralismo lidava com sua própria história (mitos fundadores, máculas, atos de heroísmo etc.) era basicamente a expressão máxima das deliberações de Plínio Salgado nesse sentido. Esta dinâmica permaneceu, portanto, até 1975, momento da morte de Salgado. Após o falecimento do líder integralista, teve início o fenômeno e as disputas entre grupos neointegralistas, diminutas organizações que reivindicam a condição de legítimos herdeiros do integralismo e que, cada qual à sua maneira, busca lidar com o passado e a memória militante, sobretudo do período da AIB.

Até o início do Século XXI, os grupos neointegralistas eram extremamente dispersos e as poucas iniciativas de busca por institucionalização política foram marcadas pela efemeridade. Como observa Carneiro (2007), muitas destas disputas envolveram desde o relacionamento de algumas coletividades neointegralistas com grupos neonazistas e de *skinheads* (sobretudo os Carecas do ABC), até divergências relacionadas a estratégias políticas (principalmente a questão da possibilidade de organização partidária) e de compreensões e possibilidades de atualização e visão crítica sobre a doutrina integralista dos anos 1930.

A última iniciativa no âmbito de criação de um movimento coeso e uniforme se deu no ano de 2001, quando da realização do I Congresso Integralista para o Século XXI, na cidade de São Paulo. Divergências internas e questões jurídicas² impossibilitaram tal

¹ Isto, evidentemente, não significava que os membros integralistas do PRP fossem *menos* integralistas que os águias brancas.

² O nome escolhido para o grupo – Movimento Integralista Brasileiro – já havia sido registrado anteriormente por um militante integralista, impossibilitando a efetivação do grupo. Sobre esta questão específica, cf. CARNEIRO (2007).

iniciativa e tornaram ainda mais evidente as cisões existentes entre as correntes neointegralistas. Deste episódio, surgiram os três principais grupos neointegralistas em atividade: Frente Integralista Brasileira (FIB), Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) e Ação Integralista Revolucionária (AIR), sendo que os dois primeiros são os mais ativos – ainda que em moldes tímidos.

Enquanto a FIB e a AIR buscam manter as tradições integralistas dos anos 1930 (embora a AIR considere a iniciativa partidária da AIB pós-1935 um equívoco), o MIL-B postula a necessidade de atualização de alguns elementos do integralismo dos tempos da AIB, não por conta de supostas *falhas* da AIB,

mas devido ao desenvolvimento científico e filosófico das últimas décadas. Desta maneira, o grupo defende a compreensão do grupo como o integralismo do Século XXI, uma atualização *natural* do Sigma no tempo presente – o linearismo.

Este aspecto de *atualização* do integralismo para o Século XXI se dá também no âmbito da memória integralista, inclusive no caso particular da questão das *galinhas verdes*. Fazendo referência ao integralismo histórico da AIB, mas também projetando atuação no tempo presente e rearticulando a memória militante, o MIL-B utiliza do Galo Tupã como mascote, representando, portanto, os laços entre o integralismo dos anos 1930 e as ambições do neointegralismo.



Figura 1. – Galo Tupã. Disponível em: < <http://www.integralismolinear.org.br/site/imagens/tupa.jpg> > (Acesso em 13 nov. 2011).

O Galo Tupã surge, portanto, como uma antítese à galinha verde. O aspecto físico forte, peito estufado e feições ríspidas conferem a Tupã a condição de um galo de briga que, na ótica dos membros do MIL-B, representaria os anseios do grupo, prontos para destruir os inimigos do Brasil. O nome do galo é, evidentemente, uma estratégia de outorgar um sentido nacionalista ao mascote, uma representação do *verdadeiro* sentimento patriótico que seria encontrado somente no integralismo linearista.

Tupã é representado trajando uma camisa polo de cor verde e calções pretos, referência às camisas verdes e calças pretas da AIB. Há ainda, na camisa, o símbolo Sigma (AIB) e o *elo* estilizado, símbolo do linearismo, buscando a determinação, portanto, do suposto caráter indissociável entre o integralismo histórico e o linearismo na atualidade. A charge do Galo Tupã é veiculada principalmente por meio dos *sites* oficiais do MIL-B³ o que, ao invés de determinar importância secundária ao mascote do movimento, cumpre função diametralmente oposta, tendo em vista que o principal meio de comunicação, divulgação e debates do MIL-B e demais grupos neointegralistas ocorrem justamente na internet.

Desta maneira, o mascote é apresentado na página inicial do *site* do MIL-B, sob a seguinte legenda: “Tupã, o Galo Verde Integralista e Linearista, esmaga o Verme Comunista-Liberal, gerado no ventre do Grande Capital Financeiro Internacional”. A charge e a respectiva legenda podem ser encaradas, ainda, como indícios das afinidades do grupo com determinada parcela doutrinária da AIB.

Dentre os ideólogos da AIB, os principais foram justamente os três grandes líderes do movimento – Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso (ainda que outros como Olbiano de Mello tenham desempenhado importa função nesse sentido). Cada um destes autores abordou questões específicas em suas obras doutrinárias, de modo que Plínio Salgado dedicou-se mais profundamente à elaboração geral sobre as fundamentações espirituais e morais do integralismo, ao passo que Miguel Reale, fazendo jus ao cargo ocupado (chefe de doutrina), buscou formular as bases essenciais para o Estado Integral, adaptando e articulando a doutrina do Sigma aos preceitos do corporativismo fascista, sobretudo do caso italiano.

Gustavo Barroso, por sua vez, dedicou-se sobretudo à *denúncia* dos supostos inimigos do integralismo. Na visão de Barroso, o integralismo estava destinado a ser o único movimento capaz de barrar as obras de um complô histórico por sobre o Brasil. Este complô, segundo Barroso, seria uma obra diabólica engendrada por uma elite judaica que, em diversas frentes de batalha – comunismo, judaísmo, maçonaria e liberalismo – desarticulavam a nação e escravizava o povo brasileiro desde os primeiros momentos da colonização portuguesa. Obras como “História Secreta do Brasil”, “O Integralismo e o mundo”, “O que o integralista deve saber” etc., eram destinadas a denunciar e “comprovar” aspectos deste complô subalterno.

O teor discursivo destas obras, apesar de pautadas na suposta realidade nacional, dialogava constantemente com a literatura antissemítica em então evidência na época,

³ Cf. <http://www.integralismolinear.org.br> (MIL-B) e <http://www.sene.org.br> (SENE – Sociedade de Estudos do Nacionalista Espiritualista, que funciona como um órgão complementar ao MIL-B, local de debates e discussões de cunho intelectual).

sobretudo na Europa. Barroso foi tradutor e comentador da primeira versão lançada no Brasil de “Os Protocolos dos Sábios de Sião” (1937), obra apócrifa que, embora publicamente desconstruída (Cohn, 1976), serviu de inspiração para inúmeros autores antissemitas por todo o mundo. Um destes autores foi o francês León de Poncins, autor de “As forças secretas de Revolução” (1937), em que denunciava um suposto complô envolvendo principalmente os judeus nas agitações revolucionárias.

Poncins tornou-se uma grande referência para Barroso, de modo que o autor integralista reproduziu e incorporou a seguinte frase em obras de sua autoria, como “Brasil: Colônia de Banqueiros” (1936): “Trotsky e Rotschild marcam a amplitude do espírito judaico; estes dois extremos abrangem toda a sociedade, toda a civilização do Século XX.”. Esta frase sintetiza diversos elementos presentes na obra de Gustavo Barroso, sobretudo a denúncia das facetas que o suposto complô judaico de dominação mundial assumiria, apresentando elementos contrastantes e divergentes, de modo a ludibriar a população do país em relação aos efetivos interesses de uma pequena elite judaica por sobre a população. Desta maneira, o comunismo e o capitalismo eram, para Barroso, nada além do que duas facetas de uma mesma moeda, ambas com ações determinadas por tal “espírito judaico”.

O radicalismo do discurso antissemita de Barroso, embora possa ser tomado como uma estratégia de disputa de poder com outros nomes da alta hierarquia da AIB, acabou por gerar uma corrente interna dentro

da própria AIB, corrente esta caracterizada justamente por este discurso antissemita, com devidas variações e gradações. Além de Barroso, integralistas como Anor Butler Maciel (“Nacionalismo – O problema judaico e o nacional-socialismo”) e Oswaldo Gouvêa (“Os judeus no cinema”) tinham um discurso com forte antissemitismo, inclusive com aproximações com o nacional-socialismo alemão.

Levando em conta esta questão, ao atentarmos novamente para a charge do Galo Tupã (e sua respectiva legenda), é possível traçar um paralelo entre a imagem e a frase de Poncins, utilizada por Gustavo Barroso. O *verme* antropozoomórfico atacado pelo Galo Tupã é bicefálico, sendo que na cabeça da esquerda há o símbolo comunista (foice e martelo) e na cabeça da direita o cifrão, em referência ao capitalismo. Além disto, a similaridade entre o “comunista” e León Trotsky é evidente.

Não por acaso, a figura do capitalista por sua vez é facilmente identificável com a representação do judeu historicamente existente em representações artísticas antissemitas: nariz adunco (representação étnica) e cartola, fazendo referência à *usurpação* e ao *banqueirismo* (“argentarismo”), compreendidas enquanto práticas genuinamente judaicas, discurso presente de modo praticamente perene em todas as obras integralistas de Gustavo Barroso e autores afins. Esta questão sinaliza, portanto, a predileção do MIL-B por uma parcela da doutrina integralista, ainda que isto não signifique necessariamente o abandono do arcabouço doutrinário de outros autores⁴.

⁴ Sobre a relação dos grupos neointegralistas com a questão do antissemitismo, cf. CALDEIRA NETO, Odilon. 2011.



Figura 2. Trotsky. Disponível em: < <http://www.marxismo.org/files/trotsky2.jpg> > (Acesso em 13 nov. 2011).



Figura 3. Detalhe "verme". Recorte do autor sobre imagem. Disponível em: < <http://www.integralismolinear.org.br/site/imagens/tupa.jpg> > (Acesso em 13 nov. 2011).

É possível observar, portanto, os usos políticos de determinada charge, em diversas instâncias. De modo imediato, a representação do integralismo como um galo de briga articula a memória militante, buscando tornar um aspecto problemático do movimento como um princípio de louvor, de orgulho. Estando o problema resolvido, o MIL-B conseguiria articular suas propostas de modo mais efetivo. Além disto, nota-se a predileção dos linearistas por determinados autores integralistas, o que, embora não configure uma depreciação de outros ideólogos dos camisas-verdes, corrobora a hipótese que o MIL-B está posicionado numa perspectiva mais crítica ao integralismo, tanto do ponto de vista histórico quanto sobre as possibilidades estratégicas.

A partir do momento em que o MIL-B almeja solucionar um problema do integralismo histórico, ele também demonstra

uma iniciativa em apresentar um integralismo repaginado, não necessariamente do ponto de vista ideológico (embora esta prerrogativa possa estar subentendida na perspectiva do grupo), mas sobretudo na estratégia de posicionamento frente os problemas encontrados pelo grupo. Esta posição de "combate" deve ser compreendida, portanto, não somente contra os inimigos enunciados (no caso, o capitalismo e o comunismo), mas também em referência ao suposto complô subalterno citado.

Além disso, há ainda a questão da existência dos grupos neointegralistas em atuação (principalmente a Frente Integralista Brasileira). Ao caracterizar o Galo Tupã com o *Sigma* e o *Elo*, o integralismo linearista busca agregar significado e legitimar a sua proposição em frente à disputa pela herança integralista. A disputa política se dá, portanto, não somente com os inimigos

dos integralistas (os evidentes e os não tão evidentes, sob a ótica e pressupostos militantes), mas também aos que almejam a herança dos camisas-verdes no Século XXI. Apesar desta disputa e atuação dos grupos neointegralistas estarem reduzidas na internet em sua quase totalidade, é importante observar como o processo político e a constante transformação – ativa e passiva – da memória auxiliam a compreensão do ritmo histórico, evidenciados, neste caso, por meio da produção de uma charge permeada de significados históricos e estratégias políticas.

Bibliografia

ALVES, Ivan. *Guerras: As duas grandes para não falar das outras*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981.

BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros* (História dos empréstimos de 1824 a 1934). 5. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. Tese de doutorado (História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934)*. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *Rapsódia verde: as comemorações do jubileu de prata integralista e a manutenção de seu passado/presente (1957-1958)*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V. 31, n.61, p. 145-165, 2011.

COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade? (Análise dos Protocolos e Outros Documentos)*. São Paulo: IBRASA, 1969.

PONCINS, Léon de. *As forças secretas da Revolução: Maçonaria, Judaísmo*. 2ª Ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

TRINDADE, Hélgio. *O radicalismo militar em 64 e a nova tentação fascista*. In: SOARES, Gláucio Ary Dillon; D'ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.). *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1994.

Sites Consultados

Marxism – <http://marxism.org>

MIL-B (Movimento Integralista e Linearista Brasileiro)-<http://integralismolinear.org.br>;

SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista)-<http://sene.org.br>